

LEITURAS E LEITORES DE GILBERTO FREYRE

Alberto Luiz Schneider



Gilberto Freyre (1900-1987)

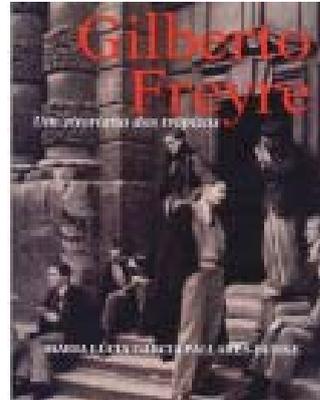
A Câmara Brasileira do Livro — entidade organizadora do Prêmio Jabuti, o mais tradicional e importante prêmio literário brasileiro — considerou a obra *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*, de Maria Lúcia Pallares-Burke, um dos três melhores livros em Ciência Humanas do ano de 2006. Prêmio mais do que justo para a dimensão intelectual do livro. Trata-se de uma alentada biografia intelectual sobre os caminhos gilbertianos, desde a chegada do rapaz nos Estados Unidos, em Waco, Texas, em 1917, até a publicação de *Casa Grande & Senzala* em 1933. Mais do que uma “biografia” no sentido convencional do termo, trata-se de estudo sobre as leituras (inglesas) de Gilberto Freyre.

A autora soube entrecruzar com rara felicidade as leituras freyreanas nos seus anos de formação e os impasses, reveses e hesitações que a vida impôs ao então jovem estudante brasileiro. Não resta dúvida de que as perspectivas intelectuais de um leitor e as atribulações da vida ordinária formam universos inevitavelmente conectados. A pesquisa, além de apresentar os livros avidamente lidos, contemplou os amigos, os professores e as circunstâncias nas quais Gilberto Freyre se viu enredado. Um aspecto recebeu especial atenção da pesquisadora: os grifos, rabiscos e comentários de borda de página, as cartas¹ e os artigos que ele enviava ao *Diário de Pernambuco*, vivamente afetados pelas leituras em curso. Convém destacar o notável levantamento e a discussão intelectual que a autora promoveu acerca dos livros ingleses e a maneira como estas leituras foram recebidas por Gilberto Freyre.

Já na introdução, Maria Lúcia oferece ao leitor pistas da concepção que norteia o livro, citando o próprio Freyre: “Todo homem, ao voltar-se para o tempo vivido, procura rejeitar parte dele” (p. 28). A autora construiu um texto em que não almejou nem monumentalizar o biografado, nem lhe negar méritos, buscando identificar o que havia em Gilberto que ele próprio pretendeu apagar, valorizando um percurso que não foi natural nem óbvio, mas aberto a várias possibilidades. Eis um estudo erudito, rigoroso e elegante, onde a autora não se furtou em aludir à vida privada, como a experiência homoerótica vivida pelo biografado com Linwood Sleigh, um estudante de Oxford que Gilberto Freyre conheceu em sua passagem pela universidade inglesa. O livro, no entanto, jamais cede ao pitoresco e mantém o foco nas sutilezas e nuances do percurso intelectual que culminou em *Casa Grande & Senzala*, mas que poderia ter dado em outro destino. A autora observa que “ao estudar a trajetória de Gilberto Freyre, temos de nos precaver contra o perigo de interpretar o que precedeu em virtude do que sucedeu” (p.143-144).

Maria Lúcia explora a importância do racismo científico no debate intelectual americano dos anos de 1920, particularmente a eugenia, considerada um conjunto de idéias respeitáveis e cientificamente convincentes, que afetou profundamente o imaginário da época. Da pureza da raça nórdica dependeria o futuro dos Estados Unidos. Autores como Mandison Grant, bem como seu discípulo Lothrop Stoddard, gozavam de notável reputação e audiência, chegando mesmo a influenciar a adoção de políticas públicas, tais como esterilizações, proibição de casamentos inter-étnicos e restrição à entrada de imigrantes mediterrânicos, asiáticos, entre outros. Essa atmosfera intelectual, a qual Gilberto Freyre teve contato, não deixou de afetar sua reflexão, como o artigo ao *Diário de Pernambuco* (06/07/

1921) atesta: “‘a gente de cor deve ser mais de 75%’ e a ela ‘precisamos opor ... o imigrante branco’” (p. 273).



PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: Editora da Unesp, 2005, 486 p.

Como se sabe, uma das vozes dissonantes no ambiente intelectual americano foi Franz Boas, professor de Freyre na Universidade de Columbia, que desde o início do século combatia as idéias de superioridade racial e defendia a noção da “adaptabilidade” dos imigrantes. A autora, no entanto, argumenta de modo convincente que Franz Boas não foi tão decisivo na passagem de Gilberto Freyre por Columbia quanto o próprio Freyre queria fazer crer.

Muito mais influente foi seu orientador, William Shepherd, um respeitável historiador interessado na América Latina. Freyre conheceu as idéias de Boas, mas não aderiu de imediato, embora já simpatizasse com o antropólogo, como fica evidente em um chiste em artigo enviado ao *Diário de Pernambuco* (15/01/22), onde Gilberto Freyre ironiza a mania americana de avaliar as coisas pelo seu valor econômico: o cérebro do Presidente Harding valeria 25 dólares e o de Boas dois milhões e meio de dólares, valor máximo atribuído apenas a três outras pessoas (p. 303). Embora enfatizasse a herança de Boas e sua influência sobre a própria

produção intelectual, na sua tese apresentada em 1922 na Universidade de Columbia, não aparece o nome de Boas nem suas idéias. Ao publicar a tese em português, no longínquo ano de 1964, Gilberto Freyre alterou “pormenores de superfície”.

A autora, no entanto, mostra que as alterações foram sensíveis, pois frases comprometedoras, impregnadas da atmosfera eugenista, simplesmente desapareceram. A posterior intervenção do já consagrado intelectual pernambucano em banir certas passagens foi devidamente explorada no livro. Ler *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos* não é proveitoso apenas para compreender o percurso gilbertiano, mas é também admirável pela maneira como a biografista trata o biografado, há um tempo tolerante e rigorosa, mais interessada em compreender do que julgar.

Se observarmos a retórica freqüentemente objetivista dos textos escritos sob linguagem acadêmica, destacadamente a tradição marxista, podemos notar na escritura de Gilberto Freyre uma linguagem alternativa, que poderíamos chamar de ensaística. Freyre criou um regime textual como “uma expressão de personalidade”, com algo de “pessoal, meio meditativo, meio coloquial” (p.65).

É possível perceber que, desde muito cedo, Gilberto Freyre foi desenvolvendo uma sensibilidade avessa à impessoalidade metódica e ao discurso duro, dito científico, o que absolutamente não foi fortuito. Walter Pater, autor que ele admirava, apresentava o ensaio como um modo de se relacionar com a “verdade de modo não dogmático”, forma capaz de apreender o “ambivalente, o opaco, o inarticulado e dissonante da experiência” (p.66).² É importante lembrar que o ensaio não é apenas um estilo, é antes um modo de pensar. Inspirado numa série de escritores de língua inglesa como Matthew Arnold, Lafcadio Hearn,

George Santayana, Gilbert K. Chesterton, William Butler Yeats, Walter Pater e vários outros, Gilberto Freyre enxergou o ensaio como um gênero literário respeitável, o que deitou fundas raízes ao longo de toda sua obra. Maria Lúcia nota que o contato com esses ensaístas britânicos ocorreu “numa época em que esse gênero ainda não fora associado ao trivial, superficial, subjetivo, anedótico e inconsistente” (p.64).

Depois de passar pelas Universidades de Baylor (1917-1920), no Texas e de Columbia (1921-1922), em Nova York, Gilberto Freyre finalmente chegou em Oxford, no segundo semestre de 1922, onde teria passado alguns dos meses mais decisivos de sua vida. A Europa teria sido seu destino, não fosse a Primeira Guerra Mundial, que lhe impôs o outro lado do Atlântico Norte. Oxford pareceu-lhe a “modernidade dentro da tradição”, consolidando sua profunda paixão por uma certa tradição intelectual inglesa e vitoriana, mas não necessariamente conservadora, como salienta Maria Lúcia. Foi em Oxford que Freyre enamorou-se por uma Inglaterra que povoou sua cabeça ao longo dos anos e que não deixa de ser uma idealização. Uma Inglaterra que teria sido capaz de conciliar estabilidade social e desigualdade, liberdade e conformidade, tradição e modernidade, binômios de largo alcance em sua obra. Gilberto Freyre recolheu a noção de “equilíbrio” – fundamental em seu pensamento – em Carlyle e Spencer e outros ensaístas ingleses, que viram a Inglaterra como uma sociedade “equilibrada”, capaz de conciliar fundos contrastes. A perspectiva de uma miscigenação conciliadora, capaz de legar algum equilíbrio ao Brasil, teria vindo justamente desta Inglaterra e destes autores.

Carlyle e Spencer, mais os já citados Pater, Yeats e Hearn, entre outros autores foram lidos ou relidos em Oxford, como demonstram as pesquisas de Maria Lúcia, desenvolvendo em

Freyre uma profunda sensibilidade para o valor e a legitimidade das tradições culturais, populares ou não. Lafcadio Hearn, em *Two Years in the French West Indies*, com seus elogios à mestiçagem e aos trópicos foi-lhe fundamental, mas também autores brasileiros, como Roquette-Pinto — que desde a década de 1920 questionava as teses racistas, sobretudo a suposta degeneração dos mestiços —, tiveram um papel mais importante do que convencionalmente lhes é atribuído.

A autora explora com cuidado e pertinência a amizade entre Gilberto Freyre e o alemão Rüdiger Bilden, jovem estudante em Columbia, que esteve no Brasil em 1926 a fim de estudar a influência da escravidão na formação histórica do país, chegando a afirmar, num dos poucos artigos que escreveu, que o Brasil foi “o único país de origem européia onde as três divisões fundamentais da humanidade se misturam em termos mais ou menos iguais e participaram da construção de uma cultura singular” (p. 402). Freyre influenciou e foi influenciado por Rüdiger Bilden, considerado na época um estudante brilhante. O livro traz páginas deliciosas e comoventes sobre a vida de Bilden, cujas circunstâncias históricas e pessoais impediram-no de se tornar um grande intelectual, como todos esperavam, inclusive Gilberto Freyre, que o cita em *Casa Grande*.

Maria Lúcia não nega a influência de Boas, mas mostra que a conversão gilbertiana às suas idéias foi tardia, embora decisiva, insistindo na força de uma certa tradição intelectual inglesa. A argumentação da autora é convincente. No entanto, um leitor não familiarizado com a obra de Gilberto Freyre tenderia a superdimensionar a influência dessa tradição.

Convém lembrar de muitos outros autores — não ingleses, nem anglófonos — que também foram fundamentais à formação intelectual de Freyre, entre os quais se podem citar ensaístas espanhóis, como Ortega y Gasset, Miguel de Unamuno e Ángel Ganivet, estudados por outro livro recente e importante, *Gilberto Freyre e o Pensamento hispânico: entre Dom Quixote e Alonso El Bueno*, de Elide Rugai Bastos.³ Os leitores interessados no assunto sairiam enriquecidos da leitura de ambos os livros, que são antes complementares e alternativos do que opostos. Embora Maria Lúcia não o diga, é possível pensar que Gilberto Freyre foi capaz de construir um novo paradigma interpretativo para o Brasil – goste-se ou não dele – porque teve uma formação literária e ensaística, resistindo à linguagem e à concepção de ciência em alta nos estudos sociológicos de seu tempo. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos* é livro relevante não apenas aos interessados em Gilberto Freyre, mas também àqueles interessados em história intelectual. Livro erudito e sensível que, em suas mais de 400 páginas, tem a apreciável faculdade de não cansar.

T & M

Texto recebido em abril de 2006. Aprovado para publicação em julho de 2006.

SOBRE O AUTOR:

Alberto Luiz Schneider é Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas. Atuou como professor visitante do Departamento de Estudos Luso-Brasileiros da Tokyo University of Foreign Studies. Endereço eletrônico: alberto.ls@uol.com.br.

SCHNEIDER, Alberto Luiz. "Leituras e leitores de Gilberto Freyre". *Revista Temas & Matizes* - Unioeste - Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - Vol. 5 - Nº 9 - 1º Semestre de 2006, p. 111-115.

NOTAS

1. Sobre este tema, consultar: GOMES, A. M. C. (Org.). **Em família**: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre. Campinas: Mercado de Letras, 2005.
2. Esta concepção de ensaio com a qual Gilberto Freyre tomou conhecimento pode ser consultada em: PATER, Walter. **Plato and Platonism**. London: Macmillan, 1934, p. 156-71.
3. BASTOS, Elide Rugai. **Gilberto Freyre e o pensamento hispânico**: entre Dom Quixote e Alonso Bueno. Bauru: EDUSC, 2003.

REFERÊNCIA DA OBRA:

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: Editora da Unesp, 2005, 486 p.



Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

REVISTA TEMAS & MATIZES

Versão eletrônica disponível na internet:

www.unioeste.br/saber